

UM DOCUMENTO PARA A HISTÓRIA URBANA DE IDANHA-A-VELHA

Pedro Miguel Salvado^{a, @}, Maria do Carmo R. Mendes^b, Joaquim Baptista^c, e Bruno Rodrigues^d

^aMuseu Arqueológico Municipal Dr. José Monteiro(Fundão).

^bUniversidade da Beira Interior

^cInstituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Gestão.

^dAluno finalista da licenciatura de História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

@ Contacto: pedro-salvado@hotmail.com

Resumo

A historiografia da milenar Idanha-a-Velha encontra-se em permanente construção. Resultado da sobreposição da ocupação de vários povos, e do impacto que estes provocaram no espaço urbano da antiga cidade, urge hoje compreender quais foram os processos de transformação que ali, efectivamente, se desenvolveram. Neste âmbito, encontra-se um considerável número de documentação por estudar, parte da qual revela, ao tempo, a morfologia da malha urbana que hoje se afigura confusa: a transcrição do documento, datado de 1629, que apresentamos revela-se preciosa para a sua leitura estrutural mas também mostra que, em Idanha-a-Velha, existiam personalidades que se destacavam não apenas pela preocupação no registo da memória histórica, mas também pela precursora visão da importância da preservação do património edificado da antiga Egitânia.

Palavras-chave

Idanha-a-Velha | História | Urbanismo

Résumé

L'historiographie de la millénaire Idanha-a-Velha est en construction permanente. Du fait de l'imbrication de l'occupation de différents peuples et de l'impact qu'ils ont eu sur l'espace urbain de la ancienne ville, il est aujourd'hui urgent de comprendre quels ont été les processus de transformation qui s'y sont réellement déroulés. Dans ce contexte, il existe un nombre considérable de documents à étudier, dont une partie révèle, à l'époque, la morphologie du tissu urbain qui semble aujourd'hui déroutante: la transcription du document, daté de 1629, que nous présentons, s'avère être précieux pour sa lecture structurelle mais montre aussi qu'à Idanha-a-Velha, il y avait des personnalités qui se sont distinguées non seulement par leur souci d'enregistrer la mémoire historique, mais aussi par leur vision pionnière de l'importance de préserver le patrimoine bâti de l'ancienne Egitânia.

Mots clés

Idanha-a-Velha | Histoire | Urbanisme

1. Apresentação

O documento a seguir fixado, da lavra de Paulo Geraldês da Cunha e datado de 1629, investe-se de um particular interesse para o conhecimento da história dos processos historiográficos e da evolução urbana de Idanha-a-Velha (SALVADO, 1988; SALVADO, 2010), a fundacional *Igaedis* romana (MANTAS, 1988; ALARCÃO, 2012; CARVALHO, 2009), a Egitânia visigoda (ALMEIDA, 1956; SÁNCHEZ RAMOS & MORÍN DE PABLOS, 2019; VIVES, 1963), a Idanha templária (ALARCÃO, 2013; OLIVEIRA, 2010), comunidade envolvida nos cenários contemporâneos dos apelidados territórios de baixa densidade reduzida, hoje, a menos de sessenta habitantes.

Este documento integra a pasta “Diversos” do Fundo documental da Casa de Santa Iria, existente no Arquivo Nacional / Torre do Tombo (ANTT). Segundo a descrição do Fundo, o título de Marquês de Santa Iria foi, pela primeira vez, atribuído a D. Luís Roque de Sousa Coutinho Monteiro Paim, no ano de 1833. Esta Casa deriva da união, por casamentos vários, das Casas de Sabugal, Palma, Óbidos e Alva, e o fundo documental é composto por 26 caixas, nas quais se encontram documentos cujas datas variam entre os anos de 1384 e 1865. Este Fundo documental foi adquirido por compra em leilão, pelo ANTT, no ano de 1995,

no Palácio do Correio Velho (Lisboa).

Entre os 1800 documentos que integram este Fundo, encontrámos na pasta “Diversos” (à qual foi atribuída esta designação porque aos mesmos não foi possível determinar a relação com qualquer membro da Casa de Santa Iria), o documento transcrito infra, composto por sete fólios manuscritos (frente e verso) e cerne desta nossa publicação. A transcrição do texto escrito por Paulo Geraldês da Cunha foi integral, exceptuando algumas palavras e dois parágrafos que se encontram no final (um em latim e outro em português e assinalados na mesma como [ilegível]), manuscritos por pessoa indeterminada cuja caligrafia se encontra já muito sumida, mas que supomos serem, pelo que conseguimos vislumbrar, notas alusivas às provas que o autor do documento apresenta relativamente às origens egitanienenses de S. Dâmaso. De outra mão e caligrafia, e junto à assinatura do autor, encontra-se a frase “*que Deos tenha na gloria amem*”.

O *Catalogo dos Bispos e Santos que teve Idanha a Velha do tempo que os Suevos ganhavam Hespanha, até que ella se perdeu por occasião da cava: extrahido da Limina Apostolorum que o Bispo Dom Francisco de Castro mandou ao papa. Esta extração data da era de 412, e concluído em 1629* resultou da combinação de leituras próprias com elementos registados no relatório da diocese da Guarda elaborado no âmbito da visita *Ad Limina Apostolorum* cumprindo as deliberações do papa Sisto V (1585-1590) que determinavam a periodicidade da deslocação dos bispos a Roma para venerar os túmulos de S. Pedro e S. Paulo e apresentarem um relatório sobre a situação temporal e espiritual dos seus bispados (GOMES, 1981; MENDES, 2016).

O autor, capitão-mor de Idanha-a-Velha, continuava um cargo que havia já sido desempenhado pelo seu pai Pedro Geraldês. Desconhecendo-se a data do seu nascimento, faleceu em Idanha-a-Velha a 30 de outubro de 1676¹, surgindo o seu nome em vários registos de baptismo, realidade reveladora da sua influência nas redes de sociabilidade dos quotidianos da terra. A partir do texto diocesano, Paulo Geraldês da Cunha (GUERRA, 1965) concebeu uma das primeiras leituras históricas da localidade “*he hum piqueno povo, de piqueno nome, chamada Edania*” como indicou. Cotejando um aparato bibliográfico, a que decerto teria acesso, compara e religa afirmações reproduzidas em contextos editoriais eruditos com elementos do seu espaço vivido que poderiam estar vinculados com as apreensões historiográficas. Tal foi o caso, entre outros, da ligação que fez numa verificação cronológica, entre a referência temporal indicada na *Primeira parte das Chronicas dos reis de Portugal* de Duarte Nunes de Leão (c. 1530-1608) e uma fonte de natureza epigráfica que se encontrava no vão superior da torre mais alta do modelado urbano. Apresenta um desenho minucioso da epígrafe demonstrando uma atitude valorativa da inscrição assumida como referencial de uma herança quase patrimonial. As palavras do letrado confirmavam a historicidade e um momento refundacional dos ritmos de revitalização urbana do lugar.

Dedicando atenção à etimologia do topónimo identificativo da diocese que se radicava na Egitânia visigoda, denota um cuidado em sustentar as visões mais correntes que avocavam Idanha-a-Velha como o local de nascimento de alguns dos santos estruturadores da paisagem hagiográfica da diocese como o papa São Dâmaso, o bispo São Fulgêncio e o santo rei Bamba (ou Wamba ou Vamba).

Particular atenção lhe mereceu o rei visigodo Wamba (CINTRA, 1951; SALVADO & SALVADO, 1995; ESTEVES, 1997) e a lenda do florescimento da vara, enraizada no fundo mítico do lavrador que foi coroado rei, tratada em consecutivos registos por parte de diversos autores numa continuidade que atravessou séculos, ligando-a à geografia wambística conservada na Idanha. Assumindo a tradição como a base da ancestralidade, a ligação do rei à Idanha constitui para o autor “*tradição antiga*”. Do cenário miraculoso do florescimento da aguilhada permanecia um freixo “*piqueno*”, assumido como um rebento da mítica árvore cujo tronco, nos tempos da meninice do autor estava ocado e era local de brincadeiras como fez questão de recordar. Nesta activação de memória pessoal lembra o que a sua mãe, Antónia da Cunha, lhe tinha contado sobre a casa “*del rey Bamba*”, torre “*com três sobrados*”. Revelou-se assim a existência, no espaço urbano da Idanha alto medieval, de uma casa torre que materializou, durante séculos, referência da imagem identitária da comunidade, sítio de visita e contemplação e o principal suporte material da memória lendária de Wamba egeditano. Entretanto demolida, alguns dos seus elementos seriam utilizados na reconfiguração dos espaços domésticos desenvolvidos a partir da segunda metade do século XVI. Sabemos que “*Francisco*

¹ ANTT, *Registos Paroquiais de Idanha-a-Velha*, L²1-M, fl. 215v.

Soares de Albergaria criado do rei D. Manuel que o mandou à Guiné onde morreu e foi seu corpo conduzido a Castelo Branco onde jaz sepultado na igreja de S. Miguel numa sepultura dentro de um arco de pedra da parte do evangelho. O dito rei lhe fez muitos favores e lhe deu os Paços chamados de el-rei Vamba, de Idanha-a-Velha” (ROLÃO, 2007: 355).

Mas a lembrança deste edifício mantinha-se em 1629 através da preservação de uma “*parede, de Cantaria miuda cortada, assentada em argamassa, feita com tal temperamento, que custa menos, quebrar as pedras, que a ellas mesmas despegar da argamassa*”. Paulo Geraldês da Cunha regista a mobilidade e a reutilização de materiais arquitectónicos da torre indicando certas especificidades estruturais, como a presença de um corredor, parte da planta primitiva, ou a estrutura em *opus signinum*, corroborando a excepionalidade do edifício como elemento afirmador da notabilidade e antiguidade da Idanha. O seu mapa mental wambiano é confrontado com os registos biográficos imprecisos, com as dúvidas e controvérsias sobre a naturalidade do lavrador monarca fixadas nas linhagens historiográficas eruditas. Reafirma e religa esses textos à paisagem como a fonte maravilhosa que muitos aludiam, “*parece ser, a que ora se chama do arco*”, ou a aclaração da base botânica referencial do cenário milagroso que muitos historiógrafos insistiam em ser “*huã figueira, que tinha o mesmo nome del Rey Bamba*”. Apreende as fases de reedificação urbana que tinham ocorrido, considerando a muralha como obra templária, associando-a a “*a letreiros*” (decerto monumentos epigráficos datados do período romano, cuja profusão em Idanha-a-Velha constituirá um cunho cultural que marcará toda a historiografia seiscentista e setecentista da localidade), que liga à existência de antigas “*casas nobres*”.

O fim do documento aproxima-nos do estado de espírito do capitão-mor marcado por um evidente desânimo e incompreensões, quiçá repercussões de um sentir periférico da sua vida, ou pelos ímpetos da união ibérica que dominavam agora a milenar Idanha. A memória é sempre uma construção social, plural nos seus discursos e matérias, unindo passados com presentes, e o indivíduo com a comunidade. Conjugando memória institucionalizada, tradição e memória pessoal, o texto descobre um eu com a terra sensível, numa reorganização de imagens e apropriação de significados que reforçaram uma topofilia e certeza de raiz e de continuidade. O escrever história foi para Paulo Geraldês da Cunha “*um estímulo do coração*”. Recordar e sonhar o passado “*desta da minha Patria Idanha avelha*” foi, afinal, voltar a passar por dentro dele.

Catálogo dos Bispos que teve Idanha-a-Velha
ANTT (Arquivo Nacional / Torre do Tombo)
Fundo: Casa de Santa Iria, 1384-1965 – 002 Diversos
Cota: Casa de Santa Iria, cx. 1, doc. 39
Data: 1629
(Inédito)

“Nº 495

[Fl. 1]

Idanha a Velha

Catalogo dos Bispos e Santos que teve Idanha a Velha do tempo que os Suevos ganhavam Hespanha, athé que ella se perdeu por occasião da cava: extrahido da Limina Apostulorum que o Bispo Dom Francisco de Castro² mandou ao papa. Esta extração data da era de 412, e conchuído em 1629.

[Fl. 2 e seguintes]

Catalogo dos Bispos e Santos que teve Idanha a velha do tempo que os suevos ganharaõ Espanha, até que ella se perdeo, per occasião da cava, tirada da Limina apostullorum, que o Bispo Dom Francisco de Castro, que oje vive, mandou ao papa, a qual elle tirou dos Conçillios que nella vaõ nomeados.

[nota lateral: *Vejaõ isto o mesmo que dis a limina apostolorum, dis a Historia Ecclesiastica de Hespanha 2ª*

² D. Francisco de Castro (1574-1653) foi bispo da Guarda entre 1617 e 1630. Foi da sua responsabilidade a impressão das Constituições Sinodais do Bispado da Guarda, atualizadas em consonância com os decretos tridentinos (MENDES, 2016).

parte fl. 44 em que esta a Chronologia dos Bispos que teve Idanha, e a fl. 38 | 44 | 307 | 271 | 277 | 299 | 85 falla a dita Historia na dita Idanha, e aquy se pode largamente tudo que aly se achava]
[nota inferior: e o que nella dis he o [ilegível]]

A Igreja See da Guarda he das mais antigas do Reino e tem o segundo lugar entre ellas per dignidade e antiguidade e largueza do distrito.

Foy em seu princípio erecta na cidade de Idanha a velha por cuja causa ainda oje se conserva o nome de Egitanienze, e ainda que de sua antiguidade per ser muita se não pode alcançar noticia certa.

Consta porem de livros e documentos antigos, que já no anno de quatrocentos e doze do nascimento de Cristo avia Bispo da Igreja de Idanha chamado Pamerio, do qual se faz menção no Conçillio provincial que no dito anno convocou Pancraciano [ilegível] Bispo de Braga, na occasião da entrada dos suevos em Espanha, e continuar na mesma cidade de Idanha até o tempo da perda de Espanha e na Restauração della assy per rezaõ da imtemperança dos ares callidos, como per continuarem as guerras a que por rezaõ dos inimigos que estavam vezinhos ficava sujeita, se passou a Igreja Cathedral pera a Guarda aonde permanece, a qual per estar fundada em hum alto monte podeçe grandes injurias do tempo per ser combatida de neves e venos.

Chronologia dos Bispos de Idanha a Velha tirada da mesma Limina apostullorum atras declarada.

A cidade de Idanha a Velha, que antigamente foi collonia dos Romanos foi destruída pellos mouros no anno do nascimento de Christo de setezentos e quinze, em catorze dias de Março, e esteve em poder dos Mouros até o anno mil e duzentos e seix, e em vinte dias de outubro foi ganhada per el Rey Dom Sancho primeiro (o qual Dom Sancho a deu à ordem do Templo, assy o diz Duarte Nunez do Liaõ³ nas chronicas del Rey deste reino, na vida deste Dom Sancho, folhas S. T. no fim da pag. 2^a e alem de o dizer este chronista, o diz também o letreiro que está no frontespício das porta mais alta da torre desta çidade⁴ (**FIG. 1**), la entre ela dis fielmente e contém o seguinte com a forma da letra e modo das regras em que faça semelhante em tudo e ainda que vou fora do treslado do Limina apostullorum, donde alego a Duarte Nunez pera cá, não vou pera fora da historia pera que como isto seja dar prova a que escrevo, fica sendo liçito e necessário, e logo tornarem ao treslado da Limina, cõtinuando cõ os Bispos que teve Idanha e o letreiro he este a declaração do qual letreiro, quero eu entender deste modo, salvo qualquer outra melhor se lhe achar ----- Era mil duzentos setenta e tres, el Rey Dom Sancho segundo, deu ao grande mestre de cavallaria do Templo, Martinho, a cidade de Idanha ----- E ainda quase a dar a entender as Pallavras do letreiro a este grande mestre a acabou de ganhar e supear e mostra que antigamente fora esta cidade del Rey Pedro ----- E a folhas çento e quatro do dito livro, pag. 2^a, se nomea pera Graõ mestre da Cavallaria do Templo, Dom Martinho Nunez, e os annos que leva nesta parte a historia, fl. 103 X, no fim da Pag. 4; São mil e duzentos e setenta e quatro que he menos nove dos que estão no letreiro, que duraria a Era, e pera tempos taõ antigos não he nada, de sorte que el Rey Dom Sancho 2^o deu esta cidade de Idanha à Ordẽ do Templo, e o Grande Mestre Martinho (como o mesmo letreiro o nomea, segundo sequer entender delle, e suas Pallavras) e devia ter ganhado, ou depois da data, teve algum levantamento nella, per que a tornou a ganhar ou supear, e que avia sido antes de outro Rey, que se chamava Pedro, e este grande mestre Martinho fes nella a torre em que está o letreiro, no anno 1273, e he taõ certa esta verdade, que ainda oje he esta cidade, da Ordẽ de Cristo, que succedeo e se levantou, a imitação da dos Templários ----- E fes a muralha da roina na cidade, o que se prova com tantos letreiros comquanto que foraõ de casas nobres -----

E com isto assy declarado, de passagem, tornamos a Limina apostollorum continuando cõ os Bispos de Idanha do modo que se segue -----

Os Bispos que teve Idanha a Velha, são estes:

1 O primeiro Bispo que ouve em Idanha, depois que os Romanos foraõ deitados de Espanha pellos Allanos, ficando os Allanos em Portugal, e os Suevos em Galliza e de que se açaraõ documentos, foi Pamerio, o qual se ajuntou com algũs Bispos deste Reino e do de Galliza, no primeiro Conçillio que se çellebrou

³ Vide LEÃO, 1600.

⁴ Vide BARROCA, 2000: 808-811.

em Braga, sendo Arcebispo Pamcraçiano, e começou a governar o bispado Pamerio no anno do nascimento de Cristo de quinhentos e trinta e quatro, e governou vinte e cinco annos, e a rezaõ pera que se fes este Conçillio foi pera os prellados tratarem do Guarda que se avia de ter nas relliquias dos sanctos pera que Ariberto Bispo do Porto tinha escrito hua carta a Pamerio, das crueldades que Acates Allano de profissão arriano, fazia aos Bispos religiosos, e mais cristaõs -----

2 O segundo Bispo que ouve na Idanha foi Audençio o qual foi ao Conçillio que se celebrou na cidade de Lugo aonde se tratou dos limites e largueza que avia de ter o bispado de Idanha -----

3 O terceiro Bispo que teve Idanha foi Adorio que se açhou no segundo Conçillio que çellebrou Saõ Martinho Dumense, Arcebispo de Braga na mesma cidade, em o qual se tratou da reformação dos saçerdotes e admenistração dos Sacramentos e bõns costumes dos súbditos -----

4 O quarto Bispo que teve Idanha se çhamou Liçerio o qual foi ao terceiro sinodo que se celebrou na cidade de Braga e no qual se extirpou a seita arriana e se tratou da reformação do clero e dos subditos -----

5 O quinto Bispo que teve Idanha se chamou Mentessio o qual se achou no quarto Conçillio que se celebrou em Tolledo, aonde se acharaõ muitos bispos da cristandade e de França, no qual se tratou da pureza da fee Catholica e do que os prelados aviaõ de ensinar a seus súbditos; e os reprimir dos pecados e da reformação os costumes assi nos eclesiásticos como seculares -----

6 O seisto Bispo que teve Idanha se çhamou Armenio o qual foi ao Conçillio que se çellebrou em Tolledo que se convocou pera se acodir ao culto divino que se hia resfriando na Igreja de Deos -----

7 O sétimo Bispo que teve Idanha se chamou Selva que foi ao outavo conçillio de Tolledo, no qual se decretaraõ muitas cousas neçessarias ao governo da Relligião cristam, e depois de tudo feito, em outro Conçillio que se fez em Merida se aqueixou, Selva, aos padres delle de Juaõ Bispo de Sallamanca, per lhe tomar algũs lugares de seu bispado, e se deu ordem de como se avia de proçeder nas duvidas que se movessem entre dous Bispos -----

8 O outavo se çhamou Monefonso, o qual foi ao conçillio naçional que se çellebrou em Tolledo per rezam del Rey Bamba aver deixado o reino e governo de Espanha, e ter tomado o abito de religioso cõ coroa aberta pera fazer a profissão da fee -----

9 O nono e ultimo Bispo que ouve na Idanha se chamou Ageçindo, o qual governou sua igreja cõ satisfação e Porveito do Povo, per que andava a cristandade muito imquieta pera fazerem per Rey, Egica, que castigou a muitos dos grandes per que foraõ causa de Bamba deixar o Reino e se fazer frade e comvocou o conçillio que se fez em Tolledo e foi o decimo sexto, e se tratou nelle do castigo de Resiberto Arcebispo⁵ que foi hũ dos da conjuração que se fez e foi per sentença deposto das ordens e privado do Arcebispado e degradado -----

E por morte deste Rei Egica succedeo seu filho Vuitisa que foi cruel Rey, e delle veio Rodrigo seu sobrinho, per cuja causa entraraõ os Mouros em Espanha, e se acabaraõ os godos, e no seguinte anno se destrochio Espanha como fica dito atras -----

E daqui pera diante entraõ os Bispos da Guarda pera onde se passou a see pella occasiaõ atras dita -----

E na relaçaõ destes Bispos, no fim dos que ouve na Guarda está mais esta declaraçaõ, de outros sanctos, que ouve em Idanha por hua carta do Licenciado Damiaõ Vaz de Lisboa que escreveo ao dito Bispo Dom Francisco de Castro. Consta que ouve hũ Bispo Sancto Egitanienense, chamado Fulgençio, irmão de Sancto Alexandro, e Sancto Isidoro, e huã Sancta, o que foi no principio do Bispado antes da destroizaõ de Espanha -----

ate aquy a limina apostulorum -----

SAÕ DAMASO PAPA, he natural da Cidade de Idanha a velha, assi o diz Ilhescas⁶ na vida do mesmo Sancto, livro 2, fl 41, parte 1 cap. 6; por estas Pallavras, Eu naõ ey podido achar donde este sancto seja natural, mais do que todos dizem, que o hé duma çidade dita Egira, que foi cabeça do Bispado, que depois

⁵ O arcebispo referido trata-se de Sisisberto, que foi de Toledo, e não Resisberto (TEJADA Y RAMIRO, 1850: 557).

⁶ Vide ILLESCAS, 1573.

se passou per a Guarda e por isso em latim lhe chamaõ Egitanense, ate qui Ihescas e saõ muito de notar suas Pallavras, aonde dis que o dizem todos, e que todos dizanhũ tira, e que por isso lhe çhamaõ em latim Egitanense -----

E não faz contra isto, dizer na mesma parte, que per outras com gecturas se pode ter que seja natural de Guimarães. Pera que dalem de Com gecturas não fazerẽ prova, contra a que esta clara, sabemos que Guimarães foi povoado, e feito povo, depois que o Sancto morreo, quinhentos e quarenta e hũ anos, que o Sancto foi antes que Guimarães naçesse no Mundo, nẽ ouvesse notiçia delle -----

Porque Gaspar estaço no seu livro de varias antiguidades de Portugal cap. 2, fol. 5, imprinçipio, Prova, bastante e claramente pello testamento daquela Senhora Dona Mumadona, que fundou de novo a Guimarães, lançando as primeiras pedras, ao convento, em cujos arredores se começou a villa, que foi no anno do nascimento de Cristo de noveçentos e vinte e nove, e o dito autor Ihescas açima allegado, parte primeira Livro 2, Capitulo 6, fl. 44, Pag. 1, diz que morreo este Sancto, imperando Theodosio, o que foi no anno trezentos e oitenta e oito, e Villegas Flos Santorum⁷ na sua vida diz que morreo o anno de Cristo de 384, que he 4 annos menos, e Hieronimo de çhaves no seu Catallogo dos pontifices, fl. 71, pag. 1, no fim, diz que passou S. Damaso desta vida a 11 de dezembro do anno de Cristo de 387 que he hũ anno menos do tempo do emperador Theodosio, e do tempo em que Ihescas tras sua morte -----

E supposta esta verdade, por imfallivel, pois temos taõ callificadas todas pera prova della, açhamos claramente que S. Damaso morreo no anno do nacimiento de nosso Senhor Jesus Cristo, de 388 (mais tres ou quatro em que somente diferem os autores allegados) e que Guimarães foi principado no anno de 929 do nascimento de Cristo e tirados hũs dos outros, fica sendo a fundação, e principio de Guimarães depois que o Santo morreo. S41 amquejaõ agora como he Possivel que possa ser hu sancto natural de huã villa, que naçeo no Mundo, depois que elle sahio delle tantos çentos de anos --

Bem sey que me podem por obstacullo dizendo que o mesmo Gaspar estaço diz a fl. 60, Cap. 18 imprinçipio, do dito Livro atras allegado que Resende mostra sentir, que Guimarães foi antigamente çidade, e que das Pallavras (quondam Patira) se infere, fallar de outra Pouvação, que antigamente foi e não da que ora he -----

Ao que respondo brevemente, cõ o dito Gaspar estaço no dito Livro, Cap. 65, aonde tratando do Conçillio Ileberitano, çellebrado em Espanha, junto de Granada, aonde ora sechama a Serra elvira, ordenado pello Emperador Constantino, no qual se ordenaraõ as cidades que aviaõ de ser metropolis e as que aviaõ de ser sufraganeas a cada huã dellas, o qual Conçillio se çellebrou no anno do nacimiento de Cristo de trezentos e trinta e oito, que he pellos annos que S. Damaso naçeo, per que morrendo, como atras deixamos provado no anno de 388. foi este Conçillio feito antes çincoenta annos justos, e não podia o Santo ser de menos, quando chegou a dignidade Pontifical de modo, que supposto isto, naceo o santo, pellos tempos em que este Conçillio se çellebrou, e nelle se fez metropolis, a cidade de Braga e lhe nomea as cidades, que lhe ficaraõ sujeitas, e sufraganeas, nos termos e limites dos quais fica (e bem dentro delles) Guimarães. Sem nomeallo por cidade nẽ alguã outra, com quẽ elle se possa semelhar, nem muita distançia ao redor delle, e se Guimarães Cidade, não avia no Mundo, no tempo deste Conçillio pera se fazer metropolis, ou sufraganea, fazendolhe e nomeandolhe outra em cujos limites, elle avia de estar, se o ouvera, e naçendo S. Damaso pellos annos deste Conçillio, bem se segue, com evidencia clara, que não avendo tal Cidade, não pode o Sancto ser della natural, nem Gaspar estaço trouxera isto, se não se vira emleado, comtanto exçesso de annos menos, da fundação de Guimarães (como saõ quinhentos e quarenta e hũ) da morte do Sancto, ate a dita fundação, nẽ Resende, que elle allega, quis dizer tal per ser ordinário modo de fallar, çhamar-se antigo, a qualquer cousa que passa de çem annos, e neste sentido, se deve isto entender, pois não pode ser em outro, visto, o que temos allegado e bastantemente Provado, com que fica sem duvida não ser S. Damaso natural de Guimarães, nẽ de outra parte alguã, se não desta cidade de Idanha a Velha o que testeficaõ os autores seguintes -----

E antes que digamos o que elles dizem, respondamos aos que forem taõ demasiadamente escrupulosos, que queiraõ saber, ja que se não fez menção de Guimarães çidade, na repartição do dito Conçillio, se acaso

⁷ Vide VILLEGAS, 1588.

se faz da dita Idanha, per que não se nomeando, nem huã, nê outra, a mesma duvida de Guimarães, fica cõ Idanha, e pera que satisfaçamos a esta ojebção, allegamos cõ o mesmo Cap. 65, do dito Livro, fl. 226: X, aonde nomeando, as Cidades que deu per sufraganeas a Merida, que fez metropolis diz assi; Ao quinto, Merida: Paz, Lisboa, Ossonoba, Abtaria, que he Egeditania, Conimbriga, La meca, Ehora, e Cauria, e se está nomeada Egeditania que he Idanha a velha, como o está, e não Guimarães, he Prova, que não avia Guimarães, ainda no Mundo, e que não Podia o Sancto ser depous que não era, e que he natural de Idanha, que deu pera sufraganea, cõ seu bispado a Merida, e cõ isto declarado vamos com os autores que trataõ do caso -----

[Nota lateral: Tenho feito Particular tratado de S. Damaso, mais ao largo no qual se Prova cõ todas rezões e autores, ser natural de Idanha a velha]

E seja Ilhescas o Primeiro, que deixamos atras alegado, na mesma parte e Livro com as mesmas Pallavras que tiramos delle ===== os mais tras o dito Gaspar estaço no dito Livro Cap. 17. fl. 51, § 1 e 2 e 3, que so estes tres tem o dito Cap. e dizem o seguinte: Onuphrio veronense, per estas Pallavras, Sanctus Damasus Antonis filius egitaniensis lusitanos hispanus ===== Gaspar barreiros falla de Idanha a velha e dis, que ouve huã çidade çamada Idanha, Egedita aonde está a dita Idanha, a qual na repartição que fez Bamba he çamada corruptamente Odonia, Edanhas, cujo Bispado se mudou pera a Guarda, aonde persevera cõ o nome Egitanienense ===== Vasco falla desta Cidade, e diz estas Pallavras: Episcopatus Egitanus Scribendum erat Igæditanus, vt antiqua monumenta declarant Igædita, çivitas erat lusitaniæ; nune vicus obscuras Edania dictus Episcopalis sedes in Guardiam, çivitatem translacta est ----- e voltas em lingoagem dizem, Bispado Egitano ouverase de escrever Egeditano como declaraõ memorias antigas, Igædita era çidade de Lusitania, mas agora he hum piqueno povo, de piqueno nome, çamada Edania, e a Cadeira Episcopal que nella estava se passou pera a Guarda ===== Morales⁸, tratando dos Bispos que teve Idanha a velha que se açharaõ no segundo Conçillio Bracarense dis isto ----- Adorio da Cidade Igeditana, que ja se disse foi em Portugal, aonde ora está o lugar çamado Idanha a velha ===== Raphael Volaterrano, na sua Geographia⁹, çama esta cidade, Egeditania, e daqui vem o adjectivo Egitanienense, que tras onuphrio (e refere Ilhescas que ja temos dito atras) assi que faz a Damaso, natural da antiga Idanha, este autor, foi homẽ doctissimo, e de rarissima coriosidade, e delligência como em suas obras se vé, o qual pera fazer o seu Livro dos pontífices romanos, buscou e rebolveo todos os templos, Livrarias e Cartorios de Roma, e certo he, que Damaso foi elleito Papa em Roma e nella teve sua May e Irmam e destes he possível saísse a notiçia de sua Patria, Esta authoridade deste autor, em que faz a Damaso Egitanienense, anda nos exemplares deste autor, impressos em Veneza, anno do Senhor 1557, E estes são os verdadeiros, e os que quiseraõ emendar aeste autor, o Poem de Guimarães, mas a verdadeira, he a impressão de Veneza ===== E não sey, quẽ escreve isto, em seu Livro, como he o dito Gaspar estaço, atras alegado, por estas mesmas Pallavras, como pode escrever outras, emcontrario, que tal clareza, não pode contrariarse, nê a impressão de Veneza, ter suspeita, nê autor que tantas delligencias fez, per descobrir a verdade, ser notado de Pouco çerta nella, antes o seraõ os que forem de contraíro Pareçer ===== Com esta de Veneza, com corda Joaõ Baptista de Cavalieri, nas suas Imagens dos Papas, aonde tratando de S. Damaso, diz assi; Sanctus Damasus, Antonis filius, Egitanensis, lusitanus, hispanus, S. R. E. diaconus Cardinalis a papa Liberio factus vt ===== E com estas testemunhas taõ callificadas, e sem nota de suspeita, pois nhuã dellas a pode ter, fica Posta ao Sol, a verdade, de ser S. Damaso, natural da cidade de Idanha avelha, e não das outras Partes, donde, outros querem com que seja, comtanto interesse, que os cega, pera não verẽ, hũ numero de anos, como são quinhentos e quarenta e hũ, que Guimarães se começou a Povoar, depois que o Sancto morreo e outras rezões taõ fortes como estas, Pellos autores açima allegados temos contra todas as mais Partes que ao Sancto pretendem, per que nhuã dellas tem quẽ o diga com fundamento: nê mais que hũ, e esse interessado, e sospeito, e Idanha avelha tẽ muitos e tras sem nota, de suspeição, e com isto pomos fim a este ponto, porque nos espera el Rey Bamba, também da mesma Idanha =====

El Rey Bamba era Godo de nação, virtuoso, e por o ser, estava recolhido, ou fugido, aos governos do

⁸ Vide MORALES, 1574.

⁹ Vide MAFFEI, 1603.

Mundo, nesta cidade de Idanha avelha, a quẽ Vallerio Escollastico¹⁰, tratando esta historia (no cap. que faz dos que baixo lugar sobiraõ a alto) chama Ircana la vieja foi isto pello annos do nascimento de Cristo 612, no qual Reinava em Hespanha Reçensvindo, ainda que tinha os dois sua Corte em Tolledo, morrendo este Rey Reçensvindo, ainda que tinha erdeiros, que Puderaõ suçeder no Reino, não foi assi, antes, os grandes e Poderosos, cada hũ como milhor pode, se pos a pretender o çetro e coroa, e por esta Rezaõ ou de tantas duvidas, e sem Rezões, que diz o mesmo autor na parte allegada (de quẽ he tudo o que vou escrevendo) que çhegaraõ, a mais que Pallavras, e acodindo Deus a este desconçerto se conçertaraõ entre todos que pusesse cada hum sua justiça, na mãõ do Papa, que entaõ regia a Igreja, que conforme a computaçãõ dos annos era Constantino primeiro, e indo com esta embaxada, ante elle, considerando o Sancto Padre o estado em que Espanha estava, fez oraçaõ a Deus que acodisse, cõ o remedio que convinha, dando hũ Rey, suficiente, pera remediar este mal e assi foi, per que ouvindo Deos Sua oraçaõ, lhe foi revellado, que hũ homem chamado Bamba, que açhariaõ lavrando, com hũ boi branco, e outro vermelho, que vivia contra as Partes do mar, queria, e ordenava Deos, que fosse Rey de Espanha, e dada esta reposta, aos embaxadores, se partiraõ a Espanha, e declarada aos pretendentes, elles o ouveraõ per bem, dando ordẽ a que se buscasse, e despedidos pera este effeito, muitos, e por várias partes indosse hũs recolhendo, junto desta Idanha avelha (entaõ chamada Ircana) ouviraõ a huã molher, que chamava Bamba e oulhando pera aquella Parte, o viraõ andar lavrando, do modo que traziaõ, que se aviaõ de açhar, e satisfeitos do nome, e sinais se foraõ a elle, e apeados dos cavallos, e prostrados em terra, o adoraraõ per seu Rey, e elle, ainda que não ignorava, poder sello, todavia, ficou perplexo, com aquella novidade, e tomou a aguilhada que trazia e metendoa no chaõ, disse, quando esta aguilhada tiver folhas serey vosso Rey, e logo milagrosamente reverdeçeo e teve folhas e com este milagre ficaraõ confirmados em que Deos assi o ordenava e lhe deraõ as graças como milhor puderaõ -----

Da tradiçaõ escrevẽ muitos autores, e Particularmente S. Chrisostomo na humilia 4 dizendo, est traditio nihil quæ eras amplius, e tem tanta força que ainda em muitas causas de fee se regem por tradiçaõ ----- nesta cidade de Idanha avelha há tradiçaõ antiga que el Rey Bamba, foi nella açhado do modo que atras deixamos escrito, e que hũ freixo que esta Por baixo da Ponte, do rio Ponsul que quasi cerca toda a cidade, he o que permanece da aguilhada que meteo na terra quando suçedeo o milagre, de reverdeçer sendo seca, e ainda que oje aonde está, na parede do chaõ de Pedro Frois Rico, he Piqueno, eu lhe sey hũ tronco ócádo, aonde cobramos muitos meninos quando andavamos ally folgando, e minha May Antonia da Cunha, me dizia, sabia feita huã casa torre, dentro dos muros desta Cidade, com tres sobrados, e no mais alto tres janellas, huã no norte; outra no naçente, e outra no Poente, a qual estava no quintal da casa que ora he de Pascoal Frois tabelliaõ, espaço que está no dito quintal, estava na logea da dita casa a hũ canto della, e pera esta casa se entrava, per hũ recebimento a modo de corredor, de Parede, que não se alcançou senaõ descuberto, o qual chegava a casa do dito Pascoal Frois, e Parte della, ou toda, Parece que foi da del Rey Bamba, per que assi o mostra a Parede antiga que está por baixo da janella, que he da mesma obra do Corredor, de que ainda se mostra hũ Piqueno de parede, de Cantaria miuda cortada, assentada em argamassa, feita com tal temperamento, que custa menos, quebrar as pedras, que a ellas mesmas despegar da argamassa ----- E esta Casa torre se derribou (per que eu não era vivo) e com ella se fizeraõ outras casas, e em particular e em que vive oje, Lourenço da Cunha, cuja Cantaria e huã janella grande, foraõ da dita torre, com alguã madeira que ainda tem della ----- E André domingues ----- Francisco Frois ----- António Frois moreno que oje saõ vivos, (e não muito velhos) ao tempo que escrevo isto, sabem esta casa torre feita e fazeremse as ditas casas della, do modo que digo, sem nisto aver duvida e hũs e outros e todos dizem, por tradiçaõ antiquissima, continuada de hũs em outros de tempos antiquissimos, que esta casa se chamava, casa del Rey Bamba, e esse nome e titullo tinha; e por tal a hiaõ ver, todas as Pessoas e justiça, e gente grave e Plebea que a esta cidade vinhaõ, e por sua grande e frequentada estrada Passavaõ, sem aver quẽ duvidasse desta verdade, taõ antiga, e taõ nobre, que não o saõ, huãs cousas mais que outras, em mais, que na compridaõ de annos em que se fazem ventagem -----

¹⁰ Vide RODRIGUEZ DE ALMELA, 1536.

A Historia Ecclesiastica de Hespanha, 2. parte, fl. 285, traz esta historia de Bamba, ou Vuamba, como assy lhe chamaõ bem diferente do que a temos contado, e referesse a Saõ Julliaõ, e ao Arcebispo Dom Rodrigo, e há Chronica geral de hespanha e por authoridade destes afirma que Bamba era natural, e senhor, da cidade de Idanha avelha, na qual avia huã fonte de Cantaria, que tem seu mesmo nome ----- a qual fonte por obra e antiguidade, Parece ser, a que ora se çhama do arco (FIG. 2), que esta dalem do rio Ponsul, no caminho que vay pera a fonte do Cavalleiro, e valles que se çhamaõ da Matança, e que avia mais huã figueira, que tinha o mesmo nome del Rey Bamba, e nega o autor da dita Historia Ecclesiastica, ser Bamba lavrador, e cõ os autores açima allegados, a que se refere, diz que era Bamba nobre, e como tal tinha cargos de Privado, na Casa Real e Corte del Rey Reçensvindo e que em sua morte (que foi no lugar de Gertigos, que depois se chamou Bamba, e çhama ainda oje, per ser levantado nelle, por Rey, o dito Bamba) andava dando ordem ao enterro del Rey, e que de Parte do mesmo Rey, fora Bamba ao Conçilio de Toledo, a tratar do testamento de Saõ Martinho dumiense ----- e com estas rezões nos quer Provar, não ser Bamba lavrador, nẽ açhado lavrando em Idanha avelha, se não ser natural e Senhor da dita Idanha, e ser nobre, e ser levantado per Rey, no lugar de Gertigos, por cuja rezaõ mudou o nome de Gertigos embamba, que ainda oje tem ----- Mas ainda que variaõ estes autores, nas Callidades de Bamba, todos com cordaõ, em ser Idanha avelha, nẽ os que dizem ser açhado lavrando, e o millagre da aguilhada, negaõ sua nobreza, e santidade, e ainda que os que escrevẽ o contrario, sejaõ tantos, e sanctos, e por essa rezaõ sejaõ muito dignos de lhe daremos credito, está porem tão authorizado, com a tradiçaõ, que todos tem recebido, ser açhado lavrando, como atras avemos escrito, que não me atrevo a afirmar, o que seja mais çerto, porque vejo openiões de sanctos per huã parte, que dizem ser Bamba, natural e senhor de Idanha avelha, e nobre, e andar em cargos de Privado, na casa real, e vejo outros autores e a tradiçaõ com elles, que dizem ser açhado lavrando na mesma Idanha avelha, quando se levantou per Rey, os quais me não atrevo a contrariar, nẽ meter meu voto, entre elles e assy o deixo a discriçaõ, do discreto leitor, contentandome, com deixar Provado ser Bamba, natural de Idanha avelha, e Rey de Hespanha, e estar tido em conta de Sancto, o que elle mostrou bem, em deixar o Reino, per se fazer religioso, e na Relegiaõ viver sete anos, avendo sido nove Reis, em que fez tambẽ obras de Sancto, entre as quais saõ dignas de seu entendimento, e Christandade, dar Pesos e medidas em toda espanha, que ate seu tempo não avia, tirando com ellas, a occasiaõ de tanto erros, como se fariaõ sem medida, que não há cousa que sem ella seja perfeita ----- e repartir os Bispados, fazendo as metropolis, e as que lhe aviaõ de ser sufraganeas, que ainda que isto, ja fora antes feito, duas vezes em Hespanha, não deixaria de aver neçessidade de reformarse visto que tal Rey o fez ----- e assy Podemos dizer, que mais este Sancto sahio de Idanha avelha, que com Saõ Damaso e Saõ Fulgençio, que foi Bispo nella, saõ tres sanctos, que della sairaõ se não quizeremos dizer, que os Irmaõs deste Bispo Sancto (no fim da limina atras declarados) sairaõ tambem della, que Sanctos e Irmaõs de hũ Bispo, que era Sancto, bem se pode crer, que estariaõ juntos, e que todos sairaõ de Idanha avelha, ou que nella estaõ sepultados, e tocamos cada dia, sem o saberemos, a terra sancta de suas sepulturas, e as Relliquias de seus Sanctos Corpos -----

Not: Dos Bispos que se declaraõ na dita limina, se faz mençaõ, na 2. parte da historia ecclesiastica de hespanha, fl. 44. em que está a Chronologia dos Bispos que teve Idanha avelha, e a fl. 38 ----- 44 ----- 307 ----- 276 ----- 277 ----- 299 ----- 85 ----- falla a dita Historia na dita Idanha, e nella se Pode ver largar tudo porque se açhara.

Isto tenho alcançado, desta minha Patria Idanha avelha, e por que ella nunca teve, que milhor [ilegível] lhe escrever (que he outra prova porque ao certo se prova que o que [ilegível] está escrito a força da verdade, notoria atras, o tem Posto em Historia) me estimulou o coração pera que assy composto o escreva, e porque não Pude milhor, com isto satisfaço, não quero galardaõ, nẽ disto, nẽ do mais que tenho feito (que não he pouco) em sua honra e acreçentamento, per que sey, que o que milhor faz, he Pior pago, que isto he o que Corre no Mundo, e nas Patrias, que não sabẽ dar por feitos nobres, senaõ pagas infames, mas o que nellas falta, se açha sempre certo em Deos que a todos nos faça Sanctos amem vt anno 1629 -----

*Paulo Geraldês da Cunha que Deus
tenha na glória amém*
Autoridade de [ilegível] que foi a S. Damasco egitaninense ----- diz elle -----
[ilegível]”

2. Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de (2012) – Notas De arqueologia, epigrafia e toponímia – VI. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. Vol. 15, 113-137.

ALARCÃO, Jorge de (2013) – *Beira Baixa: terra tomada sem guerra*. Coimbra: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto.

ALMEIDA, Fernando de (1956) – *Egitânia: história e arqueologia*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BARROCA, Mário Jorge (2000) – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CARVALHO, Pedro C. (2009) – O fórum dos igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal). *Archivo Español de Arqueologia*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Vol. 82, 115-131.

CINTRA, Luís Filipe Lindley (1951) – *Crónica Geral de Espanha de 1344: edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra*. Lisboa: Academia Portuguesa de História.

ESTEVES, Elisa Nunes (1997) – A lenda de Vamba na Crónica Geral de Espanha de 1344. *Cuentos y leyendas de España y Portugal*. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 209-212.

GOMES, J. Pinharanda (1981) – *História da diocese da Guarda*. Braga: Pax.

GUERRA, Luís Bivar (1965) – *A Casa da Graciosa*. Braga: s. n.

ILLESCAS, Gonzalo de (1573) – *Historia pontifical y catholica: en la qual se contienen las vidas y los hechos notables de todos los Summos Pontífices romanos... com una breve recapitulacion de las cosas de España*. Salamenca: em casa de Domingo de Portomariis.

LEÃO, Duarte Nunes de (1600) – *Primeira parte das chronicas dos reis de Portugal*. Lisboa: Pedro Craesbeek.

MAFFEI, Raffaele (1603) – *Raphaelis Volaterrani commentariorum urbanorum ...* [Lipsiae]: apud Claudium Marnium et haeredes Ioannis Aubrij.

MANTAS, Vasco Gil (1988) – Orarium donavit igaiditanis: epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana. *Actas del 1^{er} Congreso Peninsular de Historia Antigua*. Vol. 2, 415-439.

MENDES, Maria do Carmo R. (2016) – *A palavra da imagem: ideologias, funções e percepções na linguagem pictórica barroca em Portugal: a Diocese da Guarda 1668-1750*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese doutoral).

MORALES, Ambrosio (1574) – *La coronica general de España*. Alcalá de Henares: en casa de Juan Iñiguez de Lequerica.

OLIVEIRA, Nuno Villamariz de (2010) – *Castelos templários em Portugal: 1120-1314*. Lisboa: Ésquilo.

RODRIGUEZ DE ALMELA, Diego (1536) – *Valerio de las hystorias scolasticas de la sagrada escritura [...]*. Sevilla: Juan de Cromberger.

ROLÃO, Manuel Estevam da Silva (2007) – *Famílias da Beira Baixa: raízes e ramos*. Lisboa: ed. do Autor. Vol. 3.

SALVADO, Maria Adelaide; SALVADO, Pedro Miguel (1995) – *Rei Wamba: espaço e memória*. Coimbra: A Mar Arte.

SALVADO, Pedro (1988) – *Elementos para a cronologia e para a bibliografia de Idanha-a-Velha*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

SALVADO, Pedro (2010) – Idanha-a-Velha: um rosto periférico da memória: elementos para a história do património igitano. *Memória e história local: colóquio internacional realizado em Idanha-a-Nova*. Coimbra: Palimage. 207-255.

SÁNCHEZ RAMOS, Isabel; MORÍN DE PABLOS, Jorge (eds) (2019) – *De Ciuitas Igaeditanorum a Laydaniyya: paisagens urbanos de Idanha-a-Velha (Portugal) en época tardoantigua y medieval*. Oxford: BAR Publishing.

TEJADA Y RAMIRO, Juan (1850) – *Collección de canones de la iglesia española*. Madrid: Imprenta de D. Anselmo Santa Coloma. Tomo 3.

VILLEGAS, Alfonso de (1588) – *Flos sanctorum*. Barcelona: Juan Pau Menescal.

VIVES, Jose (1963) – *Concilios visigóticos e hispano-romanos*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Enrique Florez.

3. Anexos

Figura 1



Figura 2

